

## **HERANÇAS AFRICANAS E RESISTÊNCIA CULTURAL: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A PRESENÇA AFRICANA NO BRASIL**

Heberton Vittório de Andrade Silva<sup>1</sup>

Alice Virginia Brito de Oliveira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre o projeto “Africanidades” e sua contribuição na ruptura dos estereótipos sobre o continente africano e os povos afrodescendentes no Brasil. O projeto em questão desenvolveu-se no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental-Anos Finais da rede municipal de educação de Arapiraca-AL. O projeto teve como proposta desenvolver, em sala de aula, o reconhecimento das heranças africanas presentes na cultura, destacando elementos como religiosidade, música, dança, oralidade e formas de resistência histórica. A metodologia utilizada envolveu uma sequência didática de aulas dialogadas, leitura em grupo e rodas de conversa sobre três livros da coleção “Africanidades” (2010) de Antônio Jonas Dias Filho e Márcia Ferreira. Ao longo do projeto discutiu-se com os alunos sobre os elementos culturais africanos presentes na sociedade brasileira, através da arte, da língua, das brincadeiras e jogos, tendo como finalidade desconstruir a visão estereotipada e pejorativa associada ao continente africano. Portanto, conclui-se que a realização do projeto “Africanidades” proporcionou aos estudantes a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre a diversidade e cultura africana, mostrando sua importância e os saberes ancestrais, o que contribuiu para fortalecer o respeito à diversidade étnico-racial e para promover uma educação mais crítica e inclusiva.

**Palavras-chave:** PIBID, Ensino de História, Cultura Afro-Brasileira.

### **Introdução**

A história do Brasil, ao longo de 300 anos, foi marcada pela dominação e exploração de pessoas vindas do continente africano, por meio do comércio ou do tráfico transatlântico. Conjuntura que consolidou um sistema de exclusão e discriminação pela cor da pele, bem como a esteriotipização cultural desses povos escravizados. A assinatura da Lei Áurea (1888) e a Proclamação da República (1889), parecia por fim a esse sistema opressor e desigual; entretanto as marcas de um passado escravagista permaneceram, adaptando-se ao novo sistema político e perpetuando práticas discriminatórias, através do fomento dos estereótipos associados ao continente africano e à população afrodescendente no Brasil.

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). [heberton.silva.2022@alunos.uneal.edu.br](mailto:heberton.silva.2022@alunos.uneal.edu.br)

<sup>2</sup> Professora do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e Ordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) [aliceoliveira@uneal.edu.br](mailto:aliceoliveira@uneal.edu.br)



Logo, torna-se evidente a importância de debater e desconstruir as imagens estereotipadas sobre o continente africano e os povos afrodescendentes no contexto escolar.

Tendo isso em vista, o presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre o projeto “Africanidades”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e sua contribuição na ruptura dos estereótipos sobre o continente africano e os povos afrodescendentes no Brasil. A metodologia utilizada envolveu uma sequência didática de aulas dialogadas, leitura em grupo e rodas de conversa sobre três livros da coleção *Africanidades* (2010) de Antônio Jonas Dias Filho e Márcia Ferreira. Assim, conclui-se que a realização do projeto “Africanidades” contribuiu grandemente para a ampliação dos conhecimentos sobre a diversidade e cultura africana entre os alunos, proporcionando um momento de debate sobre história, respeito e diversidade.

O referencial teórico que fundamenta a discussão está ancorado na Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como meio de valorização da diversidade cultural e combate ao racismo. Esse princípio dialoga com o artigo de Bessa e Rocha (2018), que evidencia a resistência cultural do povo negro e sua contribuição decisiva para a identidade nacional, bem como com a coleção *Africanidades*, de Dias Filho e Ferreira, que busca desconstruir estereótipos e fortalecer a identidade negra no espaço escolar. Além disso, a proposta articula-se com a obra *Pedagogia do Oprimido* de Freire (1994), que defende uma educação crítica, capaz de romper com práticas tradicionais excludentes e promover a conscientização dos sujeitos, reconhecendo-os como protagonistas de sua própria história.

### **Metodologia**

A metodologia deste relato fundamenta-se na descrição e análise do projeto escolar “Africanidades”, desenvolvido no contexto do PIIBID. O projeto foi realizado através de uma sequência didática de 05 (cinco) aulas, partindo de uma exposição dialogada sobre a temática (01 aula), seguidas por leitura e discussão dos textos sobre Africanidades que tratavam do assunto (03 aulas), finalizando com a cuminância (01 aula), em que os alunos expuseram as discussões de forma interativa.

A atividade foi direcionada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais da rede municipal de educação de Arapiraca-Al. Em específico, a turma do 7º ano “C” e serviu como instrumento avaliativo do capítulo: “Povos e Culturas Africanas”, presente no livro didático. Participaram no projeto tanto a professora-supervisora como os bolsistas.

Os textos trabalhados ao longo do projeto faz parte da coleção *Africanidades* de autoria de Antônio Jonas Dias Filho e Márcia Ferreira. Dessa coleção foram selecionados três





livros infantis: “Africanidades e Artes”, que ressaltam artistas negros na música e no áudio-visial; “Africanidades: jogos, brincadeiras e cantigas”, que evidenciaram práticas culturais de entreterimento juvenil de origem africana e “Africanidades e Atualidades”, que exploram a questão da identidade negra e sua representatividade na sociedade contemporânea. Em linhas gerais, os textos buscam desmistificar o imaginário em torno da cultura africana, evidenciando sua importância e sua presença no cotidiano.

### **Resultados e discussões**

O projeto escolar “Africanidades” foi desenvolvido em 03 (três) etapas. Primeiramente a professora-supervisora fez uma exposição dialogada com os alunos sobre cultura africana. Em seguida, foram divididos grupos de leitura e discussão dos textos infantis, entre os bolsistas. Finalizando com a cunhância do projeto ao final do bimestre. A turma em que o projeto foi realizado é composta majoritariamente por meninos, com defasagem em leitura e escrita, e que apresentavam “brincadeiras” e falas de punho racista, mesmo muitos dos estudantes sendo negros.

Ao longo da exposição dialogada realizada pela professora-supervisora, os alunos do 7º ano reforçaram uma visão esteriotipada sobre o continente africano, trazendo como cenário a miséria e o atraso cultural dos povos africanos. Além disso, reduziram a relação entre Brasil com a África ao processo de escravização, sem estabelecer elos culturais entre as regiões. Dessa forma, os alunos acabam por perpetuar um racismo estrutural, que entende as pessoas negras como inferiores, assim como seus elementos culturais.

Na segunda etapa do projeto, orientada pelos bolsistas, contou com a leitura e discussão de textos da coleção *Africanidades*. Os alunos do 7º ano “C” foram divididos em três grupos: o grupo da professora-supervisora, que trabalhou com o texto “Africanidades e Atualidades”; o segundo grupo era dos bolsistas Leandro e Dayslan abordando a questão artística com o texto “Africanidades e Artes” e o último grupo dos bolsistas Heberton e Sarah discutindo o texto “Africanidades: jogos, brincadeiras e cantigas”.

Além disso, os alunos elaboraram e ensaiaram a apresentação para a cunhância. Em especial, o grupo sobre jogos e brincadeiras realizaram a prática dos jogos presente no texto, além de confeccionar instrumentos musicais que acompanham as cantigas. Entre as brincadeiras que chamou mais atenção dos alunos, destaca-se “Barra-Manteiga” e “Capitão do Mato”. No jogo Barra-Manteiga, os jogadores são organizados em fileiras, uma de frente para outra, formando dois grupos, cada grupo posiciona-se atrás de uma linha que possui aproximadamente 15 m de distância entre si, além disso os jogadores deve estar com a palma da mão estendida; o objetivo do jogo é bater na palma da mão de um dos adversários e correr



para atrás da linha do seu grupo sem ser alcançado. O segundo jogo Capitão do Mato, resgata personagens do período escravocére, visto que os jogadores são divididos em dois grupos: capitães e escravos, sendo o objetivo da brincadeira é captura e prisão dos escravos que fugiram; ao longo do tempo a brincadeira se popularizou recebendo outros nomes como “Mocinhos e Bandidos” ou, a mais conhecida, “Polícia e Ladrão”. Consequentemente, a aproximação com os alunos durante as brincadeiras proporcionou um momento enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem e formação docente.

Por fim, na última aula, prevista na sequência didática, ocorreu a cuminância do projeto em sala de aula. Nesse momento, os grupos apresentaram a discussão de seus textos e realizaram reflexões com base em nossa realidade histórico-cultural. No mais, os alunos debateram entre eles mesmo a maneira como vemos a cultura africana e importância de conhecer mais sobre esse continente.

É importante ressaltar o envolvimento dos alunos no projeto. De início os alunos demonstraram certa resistência, pois a temática não despertava tanto interesse, além de envolver a prática da leitura que caracterizava uma defasagem da turma. Contudo, à medida que as atividades foram acontecendo e eles passaram a participar de forma mais ativa, perceberam a relevância do tema e a importância de sua contribuição. Com o tempo, o grupo se envolveu de maneira significativa, mostrando entusiasmo, criatividade e colaboração, transformando uma experiência que parecia pouco atrativa em um momento de aprendizado coletivo e de engajamento verdadeiro.

Haja vista o desenvolvimento do projeto “Africanidades”, comprehende-se a importância do debate sobre cultura afro em sala de aula, uma vez que o preconceito enraizado em nossa sociedade vem, por muitas vezes, pela falta de conhecimento ou resistência em reconhecer o valor dos povos negros e seus descendentes na formação de nossa cultura. Assim, percebe-se a contribuição do projeto em três aspectos principais, sendo eles: a ampliação do conhecimento dos alunos sobre a cultura africana; o reconhecimento dos elementos culturais e de resistência negra; e o desenvolvimento do respeito à diversidades étnico-racial. Logo, a discussão a seguir é construída à luz do referencial teórico apresentado anteriormente, buscando evidenciar as convergências teóricas e práticas no desenvolvimento do projeto.

Segundo as Diretrizes Curriculares, “o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é uma decisão política, com fortes repercussões pedagógicas” (Brasil, 2004, p. 17). Nesse contexto, percebe-se que o debate sobre a cultura africana em sala de aula não diz respeito apenas a inclusão desses sujeitos no currículo escolar, mas sua inclusão enquanto



sujeito histórico. Assim, visibilizar as personalidades negras, suas músicas ou estilos em sala de aula é permitir que os alunos negros construam sua identidade distante de um olhar eurocêntrico e que os demais alunos cresçam livres de discursos estereotipados da cultura africana e dos povos afrodescendentes.

Nesse âmbito, evidencia-se a importância das africanidades no espaço escolar como uma forma de reconstruir a própria narrativa da história brasileira. Ao incluir no currículo o protagonismo dos povos africanos e afrodescendentes, rompe-se com visões distorcidas e racistas que, por séculos, invisibilizaram suas contribuições. Essa abordagem possibilita não apenas valorizar práticas culturais, saberes e modos de vida trazidos da África, mas também promover uma educação crítica, que reconhece a diversidade como elemento constitutivo da identidade nacional. Assim, o trabalho pedagógico com africanidades assume um caráter político e formativo, ao combater preconceitos e resgatar a memória histórica de resistência e criação cultural do povo negro. Como aponta Basso e Rocha (2018, p.03):

Trabalhar com Africanidades na escola significa construir um novo olhar sobre a história nacional e regional/local, ressaltando a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes na construção da nação brasileira e desmistificar visões equivocadas sobre o negro e o continente africano que por tantos séculos foram reforçadas por pensamentos racistas e preconceituosos.

Em consonância, Antônio Jonas Dias Filho e Márcia Ferreira (2010) em sua coleção refletem justamente sobre os novos desafios enfrentados pelos afrodescendentes. Conhecer os movimentos de lutas no período da escravidão é importante, mas não podemos reduzir a luta dos povos negros a esse período, pois o lugar ocupado pelas pessoas negras ainda é questionado e precisa ser reivindicado constantemente. Assim, as práticas culturais (música, dança, a religiosidade, a culinária e a oralidade) deixam de ser apenas representações culturais e passam a ser instrumentos e espaços de resistência frente ao racismo e à marginalização social perpetuada em nossa sociedade.

Diante disso, apresentar aos alunos esses elementos, transmitidos de geração em geração, é manter viva a identidade coletiva, demonstrando que a resistência não se limitou às revoltas e movimentos políticos, mas também se manifestou no cotidiano, por meio da preservação de símbolos, valores e práticas culturais que continuam a afirmar a presença e a contribuição negra na formação da sociedade brasileira. Ao reconhecer tal perspectiva, os estudantes, ampliam sua compreensão sobre a formação social e cultural do país, rompendo com estereótipos e preconceitos que ainda são persistentes. Além disso, esse conhecimento fortalece o respeito às diferenças, promove a inclusão e possibilita que os alunos se



reconheçam como sujeitos históricos, compreendendo que a resistência negra não apenas preservou tradições, mas também ~~foram essenciais para a luta~~ para a luta por direitos e para a consolidação da cidadania no contexto brasileiro.

Entretanto, segundo Freire (1994) a libertação é um parto doloroso, uma vez que exige uma busca radical e transformadora da realidade, por parte do ser humano. A perspectiva apresentada pelo educador, faz-se pensar que a consolidação de ensino para as relações étnico-racial, não é tarefa fácil, visto que trabalhar com as africanidades no espaço escolar implica enfrentar um processo de transformação social que exige esforço coletivo e ruptura com práticas históricas de silenciamento. Contudo, ao resgatar a contribuição do povo negro e questionar as visões racistas enraizadas, a educação passa a cumprir um papel libertador, promovendo a consciência crítica e possibilitando que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua própria história. Tal movimento não é simples nem imediato, mas uma construção a passos lentos que demanda coragem para desconstruir preconceitos e edificar novas formas de convivência baseadas no respeito, na igualdade e na valorização da diversidade cultural.

### **Considerações finais**

O relato de experiência exposto, demonstra a importância da reflexão sobre as africanidades na sala de aula, sendo um caminho indispensável para a construção de uma prática pedagógica comprometida com a formação crítica dos alunos e a transformação social. Assim, ao trazer para o espaço escolar a diversidade das culturas africanas e afro-brasileiras através de elementos da realidade, cria-se a possibilidade de desconstruir visões estigmatizadas e reducionistas, historicamente disseminadas por meio de uma perspectiva eurocêntrica que marginalizou o continente africano e sua diáspora. Nesse sentido, a abordagem das africanidades não pode ser tratada como um conteúdo periférico ou pontual, mas sim como eixo estruturante de um currículo que valorize a pluralidade cultural e reconheça as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na constituição da sociedade brasileira.

A escola, enquanto instituição social, desempenha papel central na produção e reprodução de saberes. Quando limita a África a imagens cristalizadas de fome, miséria, guerras e escravidão, contribui para a manutenção de estereótipos que desumanizam e inferiorizam milhões de pessoas. Ao contrário, quando promove o debate crítico das africanidades, abre espaço para que os alunos compreendam a África em sua complexidade: como berço da humanidade, lugar de civilizações milenares, de riqueza cultural, linguística,





científica e artística, que foram e continuam sendo fundamentais para a construção do mundo. Tal mudança de perspectiva rompe com a lógica colonizadora de conhecimento e possibilita o reconhecimento historiográfico da África.

Além disso, a inserção das africanidades no cotidiano escolar favorece o fortalecimento da identidade de estudantes negros, frequentemente expostos ao racismo estrutural e institucional. Ao reconhecer-se em narrativas positivas e plurais sobre o continente africano, o aluno negro encontra referências de pertencimento, autoestima e valorização cultural, rompendo com a visão única e negativa que, por muito tempo, marcou sua representação nos livros didáticos e discursos pedagógicos. Da mesma forma, os demais estudantes são convidados a revisar suas concepções e a desenvolver atitudes de respeito e empatia, fundamentais para a convivência democrática em uma sociedade marcada pela diversidade.

Ademais, trabalhar com africanidades contribui para a revisão da própria história ensinada na escola. A história tradicional, muitas vezes centrada em “grandes feitos” europeus, invisibilizou as experiências de resistência, luta e produção cultural dos povos africanos e de seus descendentes. Discutir quilombos, religiosidades de matriz africana, manifestações culturais como o samba e a capoeira, além de práticas sociais contemporâneas, significa resgatar uma história silenciada, oferecendo aos alunos uma visão mais ampla e justa do passado e do presente. Assim, rompe-se com a ideia de uma África estática, sem história, e reconhece o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados.

Nesse contexto, cabe destacar que a superação de estereótipos não se restringe ao ambiente escolar, mas nele encontra um espaço privilegiado de ação. A sala de aula, como microcosmo da sociedade, reflete tensões, preconceitos e desigualdades, mas também pode se tornar um lugar de resistência e mudança. Quando o professor propõe o debate das africanidades de forma crítica e consistente, planta sementes que ultrapassam os muros da escola, alcançando famílias, comunidades e a sociedade como um todo.

Portanto, a conclusão que se impõe sobre o projeto realizado com os alunos do 7º ano é a de que a inserção das africanidades no espaço escolar não é apenas uma exigência legal ou curricular, mas uma necessidade histórica e ética. É um compromisso com a formação integral dos estudantes e com a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática. Ao romper com os estereótipos sobre a África, ampliando os conhecimentos sobre a África em relação a sua diversidade, cultura e saberes ancestrais, a escola abre caminho para uma





educação mais crítica e inclusiva, ou seja, a construção de novas narrativas, nas quais os sujeitos afrodescendentes são reconhecidos em sua dignidade, história e cultura.

Diante disso, falar de africanidades em sala de aula é falar de humanidade. É reconhecer que o passado e o presente africano fazem parte da nossa própria história e identidade. É propor uma educação que não se limite a reproduzir conhecimentos, mas que liberte, que provoque reflexão, que desestabilize certezas e que promova, acima de tudo, a esperança de um futuro em que o respeito, à diversidade e o combate ao racismo não sejam apenas ideais, mas práticas efetivas no cotidiano escolar e social.

### **Referência**

- BESSA, Carine dos Santos; ROCHA, Alexandre dos Santos. Africanidades no Brasil: história e contribuição do povo negro para a formação cultural do nosso país.** Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, Marília, v. 4, n. 2, p. 33-44, jul./dez. 2018.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, Sociedade & Cidadania - 7º ano.** FTD, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.
- DIAS FILHO, Antônio Jonas; FERREIRA, Márcia Horana de Andrade (orgs.). Africanidades e Atualidades.** Ciranda Cultural, 2010.(Coleção Africanidades)
- DIAS FILHO, Antônio Jonas; FERREIRA, Márcia Horana de Andrade (orgs.). Africanidades Artes.** Ciranda Cultural, 2010. (Coleção Africanidades)
- DIAS FILHO, Antônio Jonas; FERREIRA, Márcia Horana de Andrade (orgs.). Africanidades: Jogos, Cantigas e Brincadeiras.** Ciranda Cultural, 2010. (Coleção Africanidades)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido.** 23º reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

